

A MODERNIDADE DOS PATRIOTAS: UMA PROPOSTA DE LEITURA DA NAÇÃO BRASILEIRA ENTRE DENISE FERREIRA DA SILVA E LIMA BARRETO

Joaquim Barbosa dos Santos Júnior¹

RESUMO: Pensa-se a relação entre nacionalidade e modernidade em três momentos: i) em linhas gerais, a proposta teórica de Denise Ferreira da Silva será apresentada para compreender como o texto moderno consoma a excepcionalidade humana a partir de uma intimidade entre mente e razão, que é exclusiva do branco europeu, naturalizando a cena da violência total contra os demais racializados; ii) o pensamento de Herder com vistas a compreender a elaboração do histórico no texto moderno, assim como com a linguagem e a nação; iii) uma intersecção entre os efeitos observados por Ferreira da Silva sobre a aplicação do texto moderno enquanto texto nacional com narrativas de Lima Barreto. Para tanto, tomaremos o romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma” como eixo central, em diálogo com outras sátiras e contos do autor.

Palavras-chave: Nacionalidade, Lima Barreto, Denise Ferreira da Silva, modernidade, colonialismo

ABSTRACT: The relationship between nationality and modernity is considered in three stages: i) in general lines, Denise Ferreira da Silva's theoretical proposal will be presented to understand how the modern text consummates human exceptionality from an intimacy between mind and reason, which is exclusive to the white European, naturalizing the scene of total violence against the racialized others; ii) Herder's thought with a view to understanding the elaboration of the historical in the modern text, as well as with language and the nation; iii) an intersection between the effects observed by Ferreira da Silva on the application of the modern text as a national text with narratives by Lima Barreto. To this end, we will take the novel "Triste Fim de Policarpo Quaresma" as the central axis, in dialog with other satires and short stories by the author.

Keywords: Nationality, Lima Barreto, Denise Ferreira da Silva, modernity, colonialism.

¹ Mestrando do curso de Filosofia, pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

“E bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a pátria? Não teria levado toda a sua vida norteador por uma ilusão, por uma ideia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma deusa cujo império se esvaía? Não sabia que essa ideia nascera da amplificação da credence dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes?”

Nós mesmos não tivemos a Cisplatina e não a perdemos; e, porventura, sentimos que haja lá manes dos nossos avós e por isso sofremos qualquer mágoa?”. Triste Fim de Policarpo Quaresma. (BARRETO, 2009, p. 210);

“’Por que você está derramando água na minha cabeça?’, disse aquele escravo moribundo ao missionário. ‘Para que você entre no céu.’, ‘Eu não quero entrar em nenhum paraíso onde há brancos’, ele disse, virou o rosto e morreu. Triste história da humanidade! Briefe zu Beförderung der Humanität (HERDER, 2002, p. 383);

“– A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar.” Um especialista. (BARRETO, 2010, p. 90).

INTRODUÇÃO

Pretendo esboçar caminhos e descaminhos que perpassam a elaboração do texto nacional moderno, enquanto movimento que, dentro do quadro da globalidade, aplicou-se em construir sujeitos modernos em diversas nações ao redor do mundo. Especialmente no caso brasileiro, enxergamos em Lima Barreto um intérprete ímpar dessa situação. Lima esteve presente, no dia de seu aniversário de 7 anos, em 13 de maio de 1888, nas festividades da abolição da escravidão. Filho de pai monarquista, empregado da coroa, e mãe professora, a qual perdeu aos 6 anos, Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu durante a Monarquia e cresceu em meio às contradições da República. Os gritos de liberdade que ouviu em seu aniversário de 7 anos mais tarde mostraram toda a sua perversidade irônica, sob a qual se preocupou em grande parte de seus escritos.

Partirei do percurso teórico elaborado por Denise Ferreira da Silva, em “Homo Modernus – para uma ideia global de raça”, obra na qual a autora percorre os caminhos do pensamento moderno, questionando a tese da transparência e como ela implica e depende da

subjugação racial. Ao fim desse trajeto, especificamente no último capítulo, “Democracia Tropical”, a autora avalia as repercussões do texto moderno sobre a fundação do texto nacional em contexto brasileiro. Demonstra como as ciências sociais da época realizaram o movimento teórico necessário para endossar uma nação auto-determinada, transparente, “europeia fora da Europa”, criando, especialmente nas lentes de Gilberto Freyre, em “Casa Grande e Senzala”, um sujeito subalterno racial/genderizado. Essa avaliação que será contrastada com a maneira crítica como Lima Barreto observa o surgimento da nação em nível social, com especial foco na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, estabelecendo relações com outros contos e sátiras do autor sobre o nacionalismo e a condição da mulher negra neste contexto.

Para tanto dividirei a abordagem em três momentos principais. No primeiro apresentarei, em linhas gerais, a proposta teórica de Denise Ferreira da Silva para compreender como o texto moderno consoma a excepcionalidade humana a partir de uma intimidade entre mente e razão que é exclusiva do branco europeu, naturalizando a cena da violência total contra os demais racializados. No segundo momento faremos uma aproximação com o pensamento de Herder, descrito pela autora como aquele que inaugura a figura da historicidade, para compreender como a nação é inicialmente pensada no contexto moderno, assim como outras repercussões do pensamento de Herder. Por fim, contrastarei as consequências observadas por Ferreira da Silva sobre a aplicação do texto moderno enquanto texto nacional com narrativas de Lima Barreto. Para tanto, tomaremos o romance “*Triste Fim de Policarpo Quaresma*” como eixo central, em diálogo com outras sátiras e contos do autor.

HOMO MODERNUS E COLONIALIDADE

Ainda na introdução, a autora de *Homo Modernus* faz um apanhado das coisas que lhe motivaram a fazer seu percurso pelas entranhas do texto moderno. Afirma que ficava incomodada ao ouvir, nos anos 80, sobre a morte do sujeito e questionava-se sobre o que isso se tratava, assim como qual importância teria isso para “nós que lutávamos para derrubar uma ditadura em vigor há 19 anos no Brasil” (DA SILVA, 2022, p. 31). Ao descrever a cena

do louco, Gaia Ciência – Aforismo 125 – F. Nietzsche, na qual o homem louco adentra as igrejas cantando um *requiem aeternaum deo* e é levado para fora. Quando interrogado sobre a sua atitude, respondia apenas: “O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?”. Essa cena, do Deus que morre, mas seu corpo continua a feder, descreve um pouco dos efeitos que Ferreira da Silva observa na “morte do sujeito” e, como seu fedor de putrefação (ou fantasma, das coisas que permanecem insistindo pós-morte), ainda produz efeitos, “o sujeito pode estar morto, eu explico, mas seu fantasma – as ferramentas e matérias-primas usadas para montá-lo – permanece conosco”(DA SILVA, 2022, p. 36).

Ferreira da Silva identifica que, nos mesmos anos 80 em que estudava, cresciam movimentos culturais que pleiteavam espaço na cena política, assim como alguns mercantilizavam-se (o Hip-Hop, por exemplo), e, mesmo enquanto movimentos de resistência, alcançavam uma visibilidade que permitiam afirmar identidades contra-hegemônicas. Esse multiculturalismo, que nos permite contar pequenas histórias dentro do contexto global, ainda parecia insuficiente para a autora. São mais um capítulo na cena do engolfamento², o qual leva os corpos não europeus brancos ou à assimilação (com alguns fragmentos residuais, mas não significantes) ou ao assassinio. Compreende que mesmo esses movimentos identitários, continuam operando sob uma lógica de cultura e história que reproduz o sujeito morto, que insiste em insinuar-se, mantendo sua produtividade, tendo em vista que esses movimentos seguem na busca pela transparência, a qual realizam apenas em nível menor que o europeu:

O que é que conecta essas “pequenas narrativas [históricas]” que abarrotam o salão simbólico pós-moderno, cuja ascensão barulhenta simultaneamente anunciou a queda da nação e a reinstituiu como força política (...)

Exasperada, eu me pergunto: por que não é óbvio que, apesar da onipresença da diferença cultural, o racial e a nação ainda regem a realidade global exatamente

2Apresentamos aqui a forma como a autora conceitua “engolfamento e “assassinio” ou “obliteração”, articulações que serão relevantes no decorrer do texto: “...a significação científica mobilizou o racial para produzir sujeitos modernos que surgem na exterioridade/ afetabilidade e que existem entre dois momentos de violência: (a) *engolfamento*, isto é, “negação parcial”, o ato violento produtivo de nomear, a apropriação simbólica que os produz, inaugurando uma *relação* exatamente porque, no regime de representação que a interioridade governa, a significação científica institui sujeitos insuprassumíveis e irreduzíveis, e (b) *assassinio*, aniquilação total, o momento que oblitera a relação necessária, mas assombrosa, entre o Eu instituído pelo desejo pela transparência (autodeterminação) e os afetáveis (que a catalogação científica das mentes institui), os “outros da Europa” sempre-já em desaparecimento.” (DA SILVA, 2022, p. 113).

devido à sua relação com os descritores ontológicos – universalidade e historicidade – resolvidos na figura do Sujeito?(DA SILVA, 2022, p. 38)

Mesmo com a aparente ascensão na visibilidade política que essas mobilizações conquistarão no “salão simbólico pós-moderno” a autora identifica a persistência da violência total contra o corpo negro, que, apesar de sofrer alterações jurídicas, apresenta uma continuidade ao longo do período colonial-moderno. Apresenta-nos uma cena paradigmática como abertura do livro, para que compreendamos o lugar desse questionamento. Abre-se com a epígrafe de um jovem negro, Bruno, com 18 anos em meados dos anos 90, diz: “Nossa geração morreu quando nossos pais morreram” (DA SILVA, 2022, p. 17). Na cena, um jovem negro está morto em solo estadunidense. Questiona o policial que o matou sobre a motivação desse assassinato. Da boca do policial surgem os argumentos identificados pelas ciências sociais que diagnosticam a exclusão social do negro: “o liberalismo diz que os Estados Unidos são uma sociedade racista (...) Você vende drogas. Você é um estuprador. Um criminoso. Talvez você seja um terrorista. Vamos tirar você das ruas. Se a gente não prender você, vamos atirar em você, e usaremos quantas balas forem necessárias”, por fim “Você nos ajuda a criar um laço entre as pessoas brancas estadunidenses. Você faz o sistema funcionar”. Mas, portanto, o jovem questiona “Mas se eu faço isso... por que me matar? Se você só me mantiver na periferia, se eu não tenho uma escola decente (...) Você me conhece. Por que, mesmo assim, você precisa me matar? Ser branco já não é suficiente?”. A resposta é decisiva: “Ser branco jamais foi suficiente. Não sem ser negro” (DA SILVA, 2022, p. 18).

Esse imbricamento entre ser branco e ser negro, entre o privilégio branco e a violência contra o negro é o que tentará ser desemaranhado com a investigação pelo pensamento moderno. Veremos como a preocupação com a elaboração da interioridade moderna enquanto lugar resguardado em sua autonomia frente as determinações exteriores, necessita diferenciar-se, criar uma excepcionalidade, com relação ao exterior, o qual pode ser controlado, afetado, exposto as relações de causa e efeito. O processo que inclui o homem branco europeu no privilégio ontológico da interioridade e exclui os não europeus para a região da exterioridade encontra um passo decisivo em sua formulação a partir do enunciado histórico, que permite à razão observar-se como auto-movimento histórico, no qual a Europa possui privilégio com relação ao resto do mundo (veremos mais sobre isso adiante no diálogo

com Herder)³, perspectiva que abre espaço para as ciências pós-iluministas. Nessas a escrita da mente é vista como *efeito* de uma determinação exterior, a qual a mente europeia, que tanto para as ciências naturais (Darwin e Curvier), quanto para as ciências sociais (Boas e Radcliffe-Brown) é privilegiada, especialmente em virtude do cultivo da interioridade, a porta para dominar essa razão na história.

O livro caminha tendo como parâmetro a apresentação do texto moderno em termos da relação constituída entre interioridade e exterioridade, na qual a *interioridade* busca ser teoricamente garantida em sua autonomia, em sua *transparência*, enquanto a *exterioridade* apresenta-se como ameaça de mutabilidade, região onde as entidades estão expostas à *afetabilidade*. Essa interioridade privilegiada, como já vimos, restringe-se ao Homem, aquele especialmente europeu que é capaz de acessar a realidade através deste porto seguro interior. Essa construção racializa os não-europeus, os quais, enquanto incapazes de desenvolver essa interioridade, estão submetidos à leis exteriores capazes de determinar suas mentes e corpos, tal como os fenômenos naturais – ambos expostos aos critérios daqueles que detêm a razão sobre como melhor aproveitá-los e conceituá-los:

Ao fabricar a racialidade como atributo humano, a ciência do homem apresentou uma narrativa sobre a autoconsciência, ou seja, o homo scientificus, que, ao ser combinada com sua versão filosófica, isto é, o homo historicus, complete a figura do homo modernus, o sujeito moderno como efeito tanto da significação histórica quanto da significação científica – simultaneamente produtor e produto, causa e efeito. (DA SILVA, 2022, p. 261).

Exatamente porque pressupõe que a Europa pós-iluminista corresponde ao momento da transparência – a atualização-exteriorização perfeita da razão universal –, essas mobilizações do nomos produtivo a colocam no topo do esquema classificatório – que elas mesmas produzem –, usando nos enunciados que descrevem, explicam e interpretam a presente configuração global. (DA SILVA, 2022, p. 217)

Para uma primeira aproximação entre essa construção do “europeu” e o desenvolvimento das nações fora da Europa, proponho uma obra mais recente de Ferreira da Silva, chamada “A Dívida Impagável”. Neste momento da produção dessa filósofa a

³Embora, dentro da leitura de Ferreira da Silva, seja Hegel aquele que de fato consuma esse auto-movimento, enquanto dialética própria da interioridade, a partir da narrativa do Espírito.

conexão entre a colonialidade e a construção dos pilares do pensamento moderno torna-se mais explícita. Consideremos o momento no qual a autora trata a respeito das relações de exploração do valor dentro do capitalismo proposta por Marx. Alia-se aqui, portanto, junto ao texto moderno tal como elaborado em *Homo Modernus*, uma análise mais decisiva sobre o capital, o colonial e o racial. No contexto proposto por Marx, por exemplo, a metáfora de se trabalhar como um escravo, para deflagrar as condições de exploração do proletariado, apresenta-se como uma alusão a uma exploração passada (a da escravidão, uma expropriação), que se reproduz, embora atenuada por uma evolução histórica. Dessa forma o momento colonial aparece como anterior ao capital global. A violência colonial, sob esse ponto de vista, é sucedida pela exploração do trabalhador assalariado. A autora questiona o motivo pelo qual, quando Marx apresenta a teoria do valor, em sua obra “O Capital”, leva em consideração o tempo de trabalho, o valor do algodão, de seus fios, mas “Por que o trabalho escravo que produziu o algodão não entra nesse cálculo de valor, nem mesmo como trabalho morto?” (DA SILVA, 2019, p. 175). A autora, portanto, afirma que “gostaria de propor uma leitura diferente, mas ainda fiel aos pré-requisitos básicos da análise materialista histórica” (DA SILVA, 2019, p. 179). Ressaltamos a interessante nota feita ao comentar seu ponto a partir de uma leitura sobre a obra “A Acumulação do Capital”, de Rosa Luxemburgo:

No entanto, ao contrário de Luxemburgo, não penso na colônia como a fronteira do capital. Em vez disso, como Bartolomé de Las Casas, C. L. R. James e Frantz Fanon descreveram, a colônia é uma estrutura econômica-jurídica moderna, projetada e administrada por pensadores e legisladores europeus. Como exemplo, penso no papel de John Locke na redação das Constituições Fundamentais da Carolina, em 1669, caracterizada pela violência absoluta. Nota 130. (DA SILVA, 2019, p. 177-178).

Embora meu objetivo aqui não seja fazer uma análise mais detida, que elucide as conexões entre a construção do *Homo Modernus*, entre o científico e o histórico, e a perspectiva da Dívida Impagável, que questiona ontoepistemologia moderna a partir dos pilares da determinabilidade, separabilidade e sequencialidade, posso brevemente concluir que ambas perspectivas apontam para um impasse semelhante – o confronto com a tese da transparência e a dificuldade de significarmos para além dela. Essa tese é justamente o que permite a modernidade encarar a diferença racial enquanto um dado empírico, não jurídico. Enquanto o trabalhador, esse sim, é lido como uma categoria jurídica, capaz de influenciar na produção de valor, embora explorado, “no trabalho escravo, ocorre a apropriação do

valor-total criado (expropriação) sob coerção física (ameaça da violência total)” (DA SILVA, 2019, p. 177). Essa naturalização também é uma implicação da diferença racial que cria os “outros da Europa”, afetáveis a partir da negação de uma interioridade que possa se afinar com a razão universal proscrita apenas aos europeus, naturalizando a diferença racial como um fato.

A violência total pensada enquanto uma estrutura econômica-jurídica moderna, tal como vimos na nota, que utiliza Locke como exemplo, pode ser observada no Brasil a partir do impactante próêmio à obra “Cultura e Oportunidade do Brasil”, obra escrita por André João Antonil em 1711. Antonil era membro da igreja católica e visitou um engenho de açúcar no recôncavo baiano com fins de desvelar os segredos dessa tecnologia colonial. Nesse início de texto, ele associa a organização do engenho enquanto estrutura econômica ao bom uso do “engenho humano”, dado a sua proveniência excelente como “pequena porção do Divino”:

Quem chamou às oficinas, em que se fabrica o açúcar, engenhos, acertou verdadeiramente no nome. Porque quem quer que as vê, e considera com a reflexão que merecem, é obrigado a confessar que são uns dos principais partos e invenções do engenho humano, o qual, como pequena porção do Divino, sempre se mostra, no seu modo de obrar, admirável. (ANTONIL, 2011, p. 77).

Observa-se o deslocamento do Eu transparente, que pensa desde a Europa, para a sua reconfiguração, mesmo fora do palco espaço-temporal/geográfico-histórico da interioridade, na figura do senhor de engenho, aquele que por aqui é capaz de aproximar sua mente, seu *engenho*, da razão universal, divina. Proponho pensarmos a mente histórico-científica do Homo Modernus enquanto interioridade íntima da razão, a qual protege-se da exterioridade determinável, em termos de senhor de engenho (aquele que controla, domina a mente), exercendo a razão universal em termos de dominação do exterior (a cana-de-açúcar, os escravos, a terra – ambas igualadas na afetabilidade do exterior). Essa linha interpretativa, também informada por diagnósticos como os de Saidiya Hartman⁴, Hortense

⁴No prefácio à edição de 2022, Hartman diz: “Qualquer certeza sobre a divisão histórica entre escravidão e liberdade se mostrou cada vez mais ilusória. A exclusão e a hierarquia constitutivas do discurso de direitos e do homem, assim como o racismo da república branca e da nação colonizadora eram robustos e não foram erradicados por atos, proclamações, ordens de campo ou emendas”. (HARTMAN, 2022, p. xxxiii)

J. Spillers⁵ e Lélia Gonzales⁶, sobre sobre como o momento da “liberdade” pós-escravidão não oferece uma ruptura, mas sim uma continuidade e aprofundamento das relações de sujeição. O mesmo movimento será observado mais adiante por Lima Barreto, quando escreve sobre as limitações do projeto republicano na consumação de qualquer tipo de liberdade. Essa mesma abordagem também nos permite pensar o receio da interioridade de ter sua autonomia afetada por um nomos exterior universal, em outras palavras, a ameaça da exterioridade constituir-se como momento ontológico privilegiado, como a possibilidade da senzala rebelar-se contra sua posição de afetabilidade, contra a violência total, destituindo o senhor de sua pretensa autonomia.

Ferreira da Silva identifica, em leitura do ensaio “Que é liberdade?”, de Hanna Arendt, no qual a autora disserta sobre o modo como Agostinho soluciona o dilema da autoconsciência e a influência que isso possui na concepção moderna do político como alienação da liberdade⁷, sobre como essa leitura do pensamento de Agostinho reflete um momento inicial da construção do dilema da autoconsciência. Diz:

No século XV, a fusão do catolicismo e do estoicismo feita por Santo Agostinho transformou a racionalidade (autorregulação) e a vontade (autodeterminação) em atributos exclusivos da alma, a dimensão interior dos seres humanos a partir da qual eles puderam acessar, daquele momento em diante, o autor e regente divino judaico-cristão. Para Agostinho, só seria possível vencer a luta pela autodeterminação através do abandono das paixões corporais.(DA SILVA, 2022, p. 130).

Nota-se, dessa forma, que o homo judaico-cristão, dotado da interioridade da alma é capaz de exercer sua vontade, assim como de regulá-la. O corpo, em relação a alma, encontra-se nesse espaço exterior, o qual deve ser regulado, subjugado. A alma acessa a

⁵Spillers critica o “Relatório Moynihan”, que identifica a família negra como patológica, tendo em vista uma constante ausência do pai. O relatório evidencia a “gramática estadunidense”, a qual provém da escravização: “A ‘Família Negra’ de Moynihan, então, pega emprestado suas energias narrativas da grade de associações, das dobras semânticas e icônicas enterradas profundamente no passado coletivo, que vêm cercar e significar a pessoa cativa”. (SPILLERS, 2021, p. 40).

⁶Lélia observa a articulação entre a mulata e a doméstica brasileira como uma continuidade da figura da mucama no período pré-abolição: “...constatamos que o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama”. (GONZALES, 1984, p. 230).

⁷A autora tematiza diretamente a posição de Arendt na nota 135, da página 131.

razão universal reguladora pelo compartilhamento que sua essência possui com a substância divina. O próximo passo rumo à modernidade seria a reconhecida contribuição de Descartes para a formação do sujeito moderno, sendo essas elaborações elaborações da conexão fundamental instalada, desde Parmênides, entre o *ón* (entidades) e o *nôus* (mente) (DA SILVA, 2022, p. 129).

Considero que o empreendimento teórico proposto em “Homo Modernus” pode ser interpretado, para esta proposta de abordagem, em, pelo menos, três instâncias (que em certo sentido se derivam e engendram): i) a relação entre exterioridade e interioridade na filosofia moderna, produzida a partir de uma constante ameaça que as determinações exteriores oferecem à interioridade autônoma que constituía-se; ii) a aliança entre a construção do *homo historicus* e do *homo scientificus* na efetivação da ciência pós-iluminista – o *homo modernus*; iii) o texto nacional do Brasil como um momento no qual o arsenal dessa ciência volta-se para a direção de legitimar nações “europeias” fora de Europa, destinando os corpos racializados como “não europeus” ao engolfamento e ao aniquilamento frente a cena da violência total. Fizemos até aqui uma exposição geral que apresenta “i” e “ii”. Os próximos passos desse texto buscam dobrar essa leitura em direção a compreensão do texto nacional (iii). No próximo tópico, demonstrarei como Herder mostra-se decisivo na elaboração do *homo historicus*, ao passo que postula uma interioridade coletiva, consequente do espírito gregário humano, postulando a ideia de nação. Desse modo elucidarei melhor o item “ii”, assim como sua sintonia com o item “iii”. Já no último momento o texto nacional (iii) será privilegiado, de modo que culminarei a proposta interpretativa feita por Ferreira da Silva com as críticas feitas por Lima Barreto aos pressupostos da vida social republicana, com forte ênfase na questão nacional e sua conexão com a expressão do desejo sexual do homem branco.

Antes de prosseguir para Herder considero relevante ressaltar que a questão da nacionalidade, na obra de Ferreira aparece em duas nuances que considero especialmente significativas para este contexto. Quando a nacionalidade é tratada enquanto *texto nacional*, a questão está associada diretamente ao texto moderno. Ferreira da Silva nos aproxima dos casos do Brasil e dos Estados Unidos para mostrar como o texto nacional mobiliza a construção teórica das ciências pós-iluministas, os *textos científico e histórico*, para consumir o movimento que insere os “outros da Europa” como um Eu afetável, aptos a serem aniquilados dentro das teleologias nacionais, oferecendo os termos definitivos do

texto moderno que ainda nos assombra. Há, ainda, uma segunda perspectiva relacionada ao que ela chama de socio(lógica) da exclusão, ou seja, aqui a autora trata sobre como o texto moderno segue vigente no século XX. Nesse sentido, trata-se da perspectiva que a nacionalidade, ao lado do racial, serviram e obtiveram algum êxito enquanto expressões de resistência, muito embora fossem assombradas pelo ímpeto da transparência (DA SILVA, 2022, p. 53). Essas noções, por sua vez, prefiguraram, mas não se confundam, com o que viria a se desenvolver enquanto diversidade cultural, ou multiculturalismo, como falamos, noção orientadora para a viabilidade das representações políticas da segunda metade do século XX, “as políticas públicas devem incluir minorias raciais e étnicas não apenas jurídica e economicamente, mas também de um modo que as reconheça como possuidoras de uma diferença cultural” (DA SILVA, 2022, p. 38). As reflexões que se seguem buscam uma aproximação interpretativa dessa contradição a respeito da “nação”.

HERDER – ENTRE O HISTÓRICO, O CIENTÍFICO E O NACIONAL

Dentro da leitura do texto moderno proposto por Ferreira da Silva, Herder surge como o autor que inaugura o gesto do *homo historicus*. Na construção de sua filosofia, Herder tece uma obra não sistemática, na qual reformula suas posições constantemente, assim como as mescla ao longo de sua trajetória. O movimento conceitual no qual se insere pode ser interpretado dentro do movimento conceitual descrito por Graeber e Wengrow, em “O Despertar de Tudo”, no qual o diálogo com o pensamento indígena, produto da colonização, exerce influência decisiva nos debates iluministas sobre liberdade e igualdade⁸. Foster afirma que Herder era um assíduo leitor de relatos de viagem⁹, o que é confirmado pelas referências de suas obras, como veremos especialmente no Ensaio Sobre a Origem da Linguagem e nas Ideias para uma Filosofia da História da Humanidade (ZHANG, 2017).

⁸Especificamente no capítulo 2 “Liberdade perversa, a crítica indígena e o mito do progresso” (GRAEBER; WENGROW, 2022). Nesta obra, entretanto, o enfoque dado é sobre as consequências desse contato colonial com os franceses. Em “*Transculturality and German discourse in the age of european colonialism*”. Em (ZHANG, 2017) pode-se observar como esses incursos ocorreram na Alemanha.

⁹“Desde o início de sua carreira, Herder se interessou profundamente, assim como desenvolveu um conhecimento impressionante da literatura etnográfica de sua época, especialmente das descrições de viagens.” (FOSTER, 2010. p. 203).

Todo caso, foi o primeiro autor europeu a mostrar a conexão entre conceitos que posteriormente teriam bastante influência na modernidade, como Povo, Cultura, Formação e Linguagem, todos sempre em coarticulação. No embate filosófico da época, colocava-se contra Kant (PENTEADO, 2017), ao afirmar uma indissociabilidade entre linguagem e razão, de modo que cada povo, cada cultura, cada língua, possui uma razão própria, que só se refere em sua língua originária, “*ratio et oratio!*”¹⁰ Porque se ao homem não é possível possuir razão sem linguagem, então é claro que a invenção da linguagem é tão natural no homem, tão antiga, tão originária, tão específica como o uso da razão.” (HERDER, 1987, p. 61) A linguagem aqui não trata de sinais lógicos abstratos, mas da irrupção sensível, sonora, vocal, da palavra interior¹¹. Herder teme o desenvolvimento de uma razão vazia de palavras, que as abstrações nascidas através dos impulsos originários, “hoje, no uso dos meros imitadores, longe desse sentir, longe das circunstâncias de então, o que temos são ampolas vazias, palavras sem espírito!” (HERDER, 1987, p. 97). Combate frontalmente a tese de Johann Peter Süßmilch de uma origem divina da linguagem, fixando sua origem sensível e humana, pois um logos divino infinito não justificaria a variedade de línguas e expressões diversas da humanidade, dadas em suas errâncias, redundâncias e extravagâncias¹².

10Essa formulação da linguagem sensível enquanto constituinte da razão, assim como sua filosofia da história presente nas “Ideias” exerceram grande influência sobre Hegel, considerado por Ferreira da Silva como aquele que consuma o Homo Historicus e abre espaço para a ciência pós-iluminista pensar a relação da razão com a interioridade. Especificamente sobre a noção de espírito (*Geist*), Herder que compreende “O que o espírito (*Geist*) é, meu amigo, não pode ser descrito, desenhado ou pintado – mas pode ser sentido, se expressa por meio de pensamentos, movimentos, esforço, força e efeito” (HERDER, 2002, p. 361). Sobre a influência de Herder sobre Hegel, justamente nesse sentido, Foster afirma “Herder apresentou a tese característica de que o pensamento é essencialmente dependente e limitado pela linguagem, ou seja, só é possível pensar se houver uma linguagem, e só é possível pensar o que se pode expressar linguisticamente. Hegel já insinua a mesma tese em sua Primeira Filosofia do Espírito, de 1803-1804. Por exemplo, ele afirma: ‘A língua/fala [*Sprache*] só existe como língua/fala de um povo, e o entendimento e a razão, da mesma forma’; a língua/fala é ‘o devir do entendimento e da razão’. A mesma tese passa a desempenhar um papel central também na Fenomenologia do Espírito. (...) Para que não reste nenhuma dúvida de que Herder foi a fonte original dessa tese em Hegel, observe também que, ao expressá-la, Hegel às vezes caracteriza a linguagem como o ‘órgão’ do pensamento ou do interior e aprova a ambiguidade da palavra grega logos entre ‘fala’ e ‘razão’” (FOSTER, 2011, p. 150).

11“*A alma humana vê, toca, reflete, procura uma característica... e a ovelha solta um balido. Está descoberta a característica (...)* E o que era essa característica senão uma *palavra interior*? O som do balido percebido por uma alma humana como sinal identificador da ovelha transformou-se, por força da consciência aí presente, no nome da ovelha...” (HERDER, 1987, p. 57).

12Essa é apenas um dos aspectos dessa controversa sobre a origem da linguagem ser divina ou humana. Esta era justamente a temática do concurso aberto pela Academia das Ciências de Berlim, vencido por Herder: “Supondo que os homens sejam abandonados às suas faculdades naturais, seriam eles capazes de inventar a linguagem? E por que meios eles o fariam? Pedimos uma hipótese que explique claramente e que satisfaça a todas as dificuldades”. (HERDER, 1987, p. 171).

A centralidade da palavra interior, enquanto o exercício da razão (*Besinnung*) é vital para considerarmos a importância de Herder para o texto moderno. Desse interior irrompe, enquanto significação e sensibilidade, tanto a liberdade individual quanto a do povo, pois “nessa versão da poesis universal na qual a razão guia a força produtiva do ‘autodesenvolvimento’ humano, o Histórico torna-se o significado tanto da poesis universal (da humanidade) quanto da poesis particular (das nações e dos indivíduos)” (DA SILVA, 2022, p. 171). Ferreira da Silva aborda as passagens do “Ensaio Sobre a Origem da Linguagem” nos quais o “preconceito” aparece como figura de unificação da “nação”, “O contato com outros povos faz surgir o ‘preconceito’ que, segundo Herder, tem o papel de ‘forçar os povos a se unirem nos próprios centros, [de torná-los] mais resolutos em suas raízes tribais...’ (HERDER, 2002, p. 297) (...) Nessa articulação da cena da representação, a particularidade de cada nação constitui apenas um efeito possível e potencial da ‘diferença intrínseca’ humana” (DA SILVA, 2022, p. 172).

Herder faz um uso praticamente intercambiável entre as ideias de “nação” e de “povo”¹³, que estão, por sua vez, atreladas as noções de “linguagem” e de “humanidade”. Nação aqui, entretanto, não diz ainda o que contemporaneamente compreendemos, embora ofereça as diretrizes do pensamento moderno sobre com pensá-la. A diferença fundamental aqui é a consolidação, posterior ao século XVIII de Herder, do Estado-Nação. Neste contexto, “As nações são o resultado de uma complexa divisão de trabalho combinada com uma homogeneidade cultural imposta pelo Estado por meio de um sistema padronizado de educação” (SPENCER, 2012, p. 130). A noção de cultura imposta pelo Estado sempre foi frontalmente combatida por Herder. A estrutura administrativa unificada, tal como apresenta nas “Ideias”, teria sido um legado do Império Romano, numa etapa anterior da história europeia, o qual apresentava o evidente risco, dentro da perspectiva herderiana, de impor sobre povos culturas que lhe são alheias. Nas “Ideias” Herder apresenta esse conceito moderno de nação ao considerar as autonomias de cada povo, assim como a de cada indivíduo dentro desse povo, aliando a tal autonomia uma diferença linguística e cultural derivada de seu convívio e ambiente geográfico:

13“ Ainda que Herder não faça distinção semântica entre esses dois termos, existem diferenças importantes entre seu conceito de *Volk* e as concepções atuais de ‘nação.’” (SPENCER, 2012, p. 130).

A natureza educa as famílias; portanto, o estado mais natural é também um estado com caráter nacional. O estado natural também é um povo com caráter nacional. Isso é preservado por milhares de anos e pode se desenvolver mais naturalmente se o respectivo príncipe natural estiver comprometido com isso; pois o povo é uma planta natural como uma família, só que tem uma abundância maior de ramos. Nada, portanto, é mais contrário de nações, a mistura descontrolada de povos e raças sob um cetro. O cetro de um homem é muito fraco e muito pequeno para reunir partes tão heterogêneas partes tão heterogêneas. Elas estão aglutinadas umas com as outras em uma máquina precária chamada máquina estatal, sem vitalidade intrínseca ou simpatia dos componentes e simpatia dos componentes. (HERDER, 1959, p. 285).

A imposição de um sentimento nacional por meio de um Estado que o faz impositivamente é para Herder historicamente absurda, a formação (*Bildung*) da nação deve correr ao largo das formações políticas estáticas., sem vitalidade A modernidade confunde essas perspectivas na concepção do Estado-nação, que, nas nações fora da Europa, buscará afirmar uma libertação do colonizador a partir de ideias de liberdade restritos aos brancos descendentes de europeus, engolfando, dentro do projeto nacional, as demais culturas, projetando-as ao extermínio, com ressalva de alguns resíduos que afirmariam as diferenças culturais intrínsecas a esses povos.

Recordemos o ponto no qual a razão em Herder só se desenvolve enquanto tem palavras para isso. A palavra não é divina, mas sim humana, de modo que a linguagem desenvolve-se entre esses humanos, por sua natureza gregária¹⁴, e aqui começamos a esboçar contato com a filosofia da história herderiana. Entre as gerações, em cada povo, a linguagem desenvolve “*a câmara do tesouro dos pensamentos humanos*, tesouro para o qual cada um contribuiu a seu modo!” (HERDER, 1987, p. 158) que surge apenas de maneira localizada, em cada povo. O respeito à diversidade linguística torna-se essencial. Para desenvolver esse aspecto tomaremos como exemplo uma passagem que Herder faz sobre Garcilaso de la Vega (filho de uma princesa Inca e um conquistador espanhol, escrevia para tentar preservar a cultura na qual nasceu, frente a colonização)¹⁵ que observa: “Garcilaso de la Vega queixa-se da forma como os espanhóis desfiguraram, mutilaram e falsificaram a língua peruana no

¹⁴Refere-se à Segunda Lei Natural: “*O homem é por vocação uma criatura gregária, social: o desenvolvimento progressivo dum língua é-lhe, pois, natural, essencial, necessário.*”. (HERDER, 1987, p. 134).

¹⁵Garcilaso tornou-se uma figura paradigmática dentro da construção da identidade nacional peruana (MARIÁTEGUI, 1928).

que toca ao som das palavras; de como, a partir dessas falsificações, criaram artificialmente o pior produto que podiam ter deixado aos Peruanos” (HERDER, 1987, p. 32)..Essa posição faz com que leituras contemporâneas o tomem como um autor que combate o imperialismo e ao colonialismo, assim como importante no debate sobre identidade e nação¹⁶.

Essa empreitada é ambígua, uma vez que, por mais que cada povo deva possuir sua autonomia, essa é dada por uma graça divina. Não faria sentido Deus criar um único povo, criou vários, que usam suas línguas e razão para a vida que melhor lhes convém, mas os atributos básicos, a historicidade, a relevância da cultura, do culto ao tesouro, segue um modelo atrelado aos debates intrínsecos à Europa. Vejamos um poema de Herder que expressa um pouco da ambiguidade que insinua:

*Ah Criador Colombo! Ah como você nos deu o mundo
com terras e povos e dinheiro de prata
e joias e ornamentos e conhecimento (eles)
Por uma moeda!
Oh assassino Colombo! Oh! e como então nosso mundo
e tudo o que ele tem de belo,
charme, maneiras, vida, vigor juvenil,
com seu veneno devastados¹⁷*

Vemos aqui uma versão da acusação que Herder faz à violência colonial. Chamava de *Nemesis* a vingança divina autorizada aos povos submetidos à violência colonial. Essa violência, todavia, é vista em certo caráter dialético com as maravilhas que a descoberta do mundo em sua globalidade gera uma contradição. Dentro da narrativa proposta por Herder nas “Ideias” a qual a humanidade desenvolve-se, em cada povo e a partir de sua interação com outros, da infância à velhice. Esse desenvolvimento é alimentado por algo que

¹⁶Nesse sentido, observar literatura disposta nas referências bibliográficas. Adiantamos Noyes (2015) em “Herder: Aesthetics against imperialism” e Barraza (2014) em “Identidad lingüística y nación cultural em J. G. Herder”.

¹⁷Poema encontrado no artigo “Herder and the ‘Harlem Renaissance’ of Black Culture in America: The Case of the ‘Neger-Idyllen’”. No original: “Ha Schöpfer Colon! Ha wie hast du uns die Welt/ mit Land und Volk und Silbergeld/ und Schmuck und Zier und Wißenschaft (sie)/ ums Viertel vermehret!// Ach Mörder Kolon! ach und wie denn unsre Welt/ und alles, was sie schönes hält,/ Reiz, Sitte, Leben, Jugendkraft,/ mit deinem Gift verheeret” SOLBRIG, 1990, p. 405).

o autor considerava especialmente relevante na sociedade passada dos fenícios – o espírito de troca. Esses eram vistos como superiores aos seus contemporâneos egípcios justamente por terem desenvolvido melhor sua capacidade de estabelecer relações comerciais com outros povos. Em consonância com Adam Smith, enfocando a Europa como um todo, reitera o benefício que as “trocas coloniais” promovem para as nações da Europa, vista como um todo:

Em “A Riqueza das Nações” Smith, assim como Herder, considera a Europa uma unidade e destaca a importância do comércio com as colônias para toda a Europa: “As vantagens gerais que a Europa, considerada como um grande país, obteve com a descoberta e colonização da América consistem, em primeiro lugar, no aumento de seus prazeres; e, em segundo lugar, no aumento de sua indústria”.(ZHANG, 2017, p. 152).

Para além da influência que essa leitura sobre a história exerceu sobre seus posteriores, Herder possui também uma contribuição “...decisiva para o nascimento da antropologia moderna como disciplina, mas, além disso, seus princípios constituem, sem dúvida, uma espécie de ‘verdadeiro centro’ da disciplina, que ela abandona apenas em seu detrimento.” (FOSTER, 2010, p. 222). Esse argumento surge no contexto no qual Foster observa as influências de Herder sobre o início da antropologia, em especial nas relações com Boas e Malinowski.¹⁸ Tanto em seus méritos, quanto nas críticas contemporâneas, os problemas que rondam Herder parecem também afetar a disciplina, qual seja: ao produzir antropologia, afirmamos ou negamos o colonialismo? É justamente essa antropologia que é central no desenvolvimento de Ferreira da Silva do *homo scientificus*. Dessa forma, vemos que a ressonância de Herder opera tanto na construção do histórico quanto do científico.

Considero que compreender as nuances do pensamento de Herder pode ser especialmente prolífero, tendo em vista sua situação ambígua com relação à construção do histórico, resguardando a interioridade, ao passo que também inclui aí uma dívida (divina?)

¹⁸Essa conexão é especialmente interessante no contexto do texto de Ferreira da Silva, tendo em vista que demonstra uma conexão entre Herder e a antropologia a partir da noção de diversidade mental entre os povos, operando segundo um *nomos* sempre próprio, mas que é guiada pela universalidade do humano: “.1 Boas, Malinowski e seus seguidores mais uma vez ecoam fortemente essa posição. Assim, assim como Herder, Boas insiste (em oposição às teorias poligenéticas) que todos os períodos históricos e culturas exibem uma natureza humana comum com funções mentais fundamentalmente idênticas (incluindo o uso da linguagem e do raciocínio), 2 mas também insiste que diferenças mentais profundas ocorrem entre períodos históricos e culturas (por exemplo, em conceitos e valores), 3 e insiste que há variações significativas até mesmo entre indivíduos em um único período histórico e cultura” (FOSTER, 2010, p. 206).

do colonizador com relação ao colonizado. Vemos, entretanto, como a perspectiva herderiana navega próximo à trindade simbólica elaborada por Ferreira da Silva, para descrever os significantes de resistência pós-modernos: o racial e o nacional, reelaborados pelo (/pela diversidade) cultural¹⁹. Uma vez que continuarmos a mobilizar esses arsenais simbólicos para significar politicamente permaneceremos dentro da cena do engolfamento, significando Outra-mente, muito embora a saída de Herder, em confronto com a razão kantiana pela via estética, assim como a violência justa contra o colonizador, possam sinalizar algumas possibilidades.

Nesse sentido, para além das considerações sobre a influência de Herder sobre a tecitura do texto científico moderno, façamos algumas últimas observações. No período pós-moderno popularizou-se a substituição do termo “raça” por “etnia”, buscando desvinculá-lo de seu sentido biológico, para um sentido cultural, na esteira da transição apontada por Ferreira da Silva sobre a transição dos enunciados simbólicos do racial e do nacional em prol do cultural. Esse gesto teórico também está prenunciado em Herder, sendo de influência decisiva para sua posterioridade. À época dos debates diretos com Kant, Herder criticou, especialmente nas “Ideias” a noção kantiana de diferentes raças humanas (ZAMMITO, 2006), centralizando-as em seu conceito de povo e humanidade. Observemos essa elucidativa passagem:

Por fim, eu gostaria que as subdivisões que o zelo pela sistematização científica, louvável em si mesmo, tem procurado atribuir à raça humana não fossem levadas além de seus limites apropriados. Assim, por exemplo, alguns se aventuraram a supor quatro ou cinco divisões que eles chamam de raças, originalmente feitas por regiões ou pela cor da pele. Não vejo razão suficiente para tal denominação. A palavra Raça sugere uma diversidade de origem que não corresponde aqui, ou, pelo menos, compreende as raças mais distintas em cada uma dessas diferentes regiões ou cores. Todo grupo étnico homogêneo já é um povo, tem sua cultura nacional, bem como seu idioma, embora a área onde vive às vezes lhe dê um caráter próprio, às vezes apenas uma leve peculiaridade, mas nem um nem outro é suficiente para destruir a conformação original e típica de uma nação. Essa evolução pode ser acompanhada até mesmo nas famílias, e suas transições são tão imperceptíveis quanto variáveis. (HERDER, 1959, p. 194-195).

¹⁹Ao tratar sobre a trindade simbólica que permeia a contemporaneidade, as quais partem da socio(lógica) da exclusão, Ferreira da Silva, ainda na Introdução, aponta para três momentos: o nacional, o racial e a cultura. (DA SILVA, 2022).

Esse argumento é constantemente invocado contemporaneamente quando se defende Herder das acusações que o aproximam da construção de ideal nacional incorporado no Nazismo, “Os principais estudiosos do pensamento de Herder, defendendo-o contra as distorções feitas pelos escritores nazistas, muitas vezes recorreram a passagens como essas e enfatizaram até que ponto a concepção de identidade nacional de Herder é cultural e não racial.”(SIKKA, 2011, p. 126). Recordemos, entretanto, que enquanto afirmava essa centralidade da humanidade frente as distinções de raça, desde a contrariedade característica de Herder, também fazia juízos estéticos sobre os povos não europeus que são eminentemente racistas²⁰. Não podemos deixar de admitir a influência de Herder, tanto para a construção da identidade nacional alemão²¹, quanto para movimentos que buscavam emancipação política por meio da busca por auto-transparência²². Fiquemos, por hora, com o diagnóstico de Ferreira da Silva.

Precisamente por Herder resolver a “unidade e diversidade” das nações (e suas culturas específicas) na interioridade, nem o uso da geografia como base para a “diferença intrínseca” nacional, nem a percepção da arrogância do Iluminismo destacados por ele, e tampouco seu reconhecimento dos efeitos letais dos projetos coloniais que o iluminismo sustenta, puderam evitar que sua versão da historicidade fosse apropriada na reformulação antropológica do cultural conduzida no século XX, num momento posterior ao desejo colonial europeu. (DA SILVA, 2022, p. 173).

20“É certo que Herder se enreda, às vezes, em uma categorização estética que os leitores modernos certamente considerarão ofensivamente racista. Ele não está, de forma alguma, totalmente livre dos preconceitos de sua época. Assim, por exemplo, ao contrário dos gregos, que ele diz terem a ‘forma humana perfeita’, ele acha que os japoneses ‘são quase universalmente mal feitos, com cabeças grossas, olhos pequenos, narizes curvos, bochechas achatadas, quase nenhuma barba e, em geral, pernas bambas’. Os mongóis são submetidos a declarações igualmente pouco lisonjeiras sobre suas ‘pernas arqueadas’ e suas crianças com ‘rostos inchados e deformados’ até os dez anos de idade. Quando ele é citado fora do contexto e isso é combinado com suas advertências contra a mistura de *Völker* em um estado burocrático centralizado, esses julgamentos negativos parecem justificar uma doutrina de pureza racial.” (SPENCER, 2012. p. 135).

21Heidegger, em seminário de duas aulas ofertado no verão de 1939, afirma “Historicamente essencial: que desperta – advinha e aponta de antemão *para aquele curso do poetas e dizer e agir alemão*. Mas não tomar ‘absolutamente’ – e completamente não *para si*, dobrando sua contrariedade em positivo puro. ‘Vida’ – povo-raça (*Volkstum*) – Fervo – turbilhão no sentimento. Herder: historicamente uma grande reflexão para sua época – assumiu a tarefa!” (HEIDEGGER, 2015. p. 39).

22Essa concepção, por exemplo, também foi influente nos Estudos Afro-Americanos, como aponta Ingelborg Solbrig “Nessa época, as ideias herderianas sobre a história da humanidade eram comuns no movimento, e dois dos conceitos de Herder, *Volk* e, estavam se tornando palavras comuns no que hoje chamamos de ‘Estudos Afro-Americanos.’ (SOLBRIG, 1990).

LIMA BARRETO E A TRISTE REPÚBLICA BRASILEIRA (DEMOCRACIA TROPICAL)

Neste momento farei uma leitura da construção do nacionalismo entre a narrativa do texto moderno e sua aplicação no Brasil. Para tanto faremos uma aproximação com um autor que, em sua produção literária, foi um crítico das contradições da sociedade de seu tempo, “Por ter um caráter opinativo e recursos literários, a crônica de Barreto, desnuda a realidade envolvendo racionalidade técnica e progressismo, escancarando o avesso do sistema republicano que se engendrava na direção de civilidade de exclusão e da cidadania seletiva.” (MONTEIRO, 2021, p. 171). Lima, ao insistir em refletir por meio da literatura sobre a realidade de seu tempo, tentava deslocar a produção literária de um lugar etéreo para, em seu caso, uma prática de denúncia, representando uma espécie de avesso ao *socius* estabelecido na República.

Pretendo investigar como “O Triste fim de Policarpo Quaresma”, articulado com outras obras de Barreto, nos auxilia a entender como a aplicação dos enunciados do texto moderno se aplicam na formação da república brasileira. Junto ao romance de Lima teremos em vista o último capítulo de “Homo Modernus”, “A Democracia Tropical”, com a intenção de sondar articulações entre as leituras de Lima Barreto e Ferreira da Silva. Faremos o recorte sobre a abordagem trazida pela autora sobre a obra “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre, na qual fica nítido o espaço para o qual a mulher negra é destinada dentro da teleologia do sujeito patriarcal, a qual reaparecerá em Lima Barreto nos mesmos termos de Freyre – o desejo do homem branco. Completa nossa abordagem identificar como “O conceito de cultural, tanto como articulado por Herder em sua versão da poesis universal quanto em sua versão antropológica, organiza inteira e consistentemente a escrita de Freyre sobre a nação brasileira” (DA SILVA, 2022, p. 423)

A perspectiva freyriana é tratada, já enquanto um produto do texto do científico pós-iluminista, como uma resposta a um problema decisivo na formação de nossa nação, relatado desde os momentos iniciais da independência – a miscigenação. Enquanto haviam “argumentos de pensadores europeus que afirmavam a impossibilidade de as populações preta e mestiça da nação atualizarem os princípios, isto é, a autodeterminação e a universalidade, cujo surgimento situa a poesis transcendental dentro das fronteiras da Europa pós-iluminista” (DA SILVA, 2022, p. 395). Citando um relato de Dom Pedro II, vemos, ao

mesmo tempo, a preocupação do Imperador com o aspecto racial da população, assim como o lugar das mulheres negras dentro dessa cena:

Surpreso com a composição da Guarda Nacional, ele comentou em seu diário: “Esqueci-me de dizer que não encontrei tantas faces escuras quanto esperava e que a Guarda Nacional não é tão negra; porém, sempre vê-se pelas janelas, os turbantes de 3 ou 4 mulheres negras de mina” (DA SILVA, 2022, p. 393).

No primeiro momento de independência a miscigenação era entendida enquanto um problema para o desenvolvimento da nação brasileira. As ciências sociais que desenvolveram-se após esse período, entretanto, passaram a ressignificar esse fenômeno, legando aos não portugueses do Brasil uma contribuição histórica apenas através de fragmentos, em busca de criar as condições para a transparência de nosso povo não europeu, “Afim, como a nação é uma coisa (interior/temporal) *histórica*, a escrita de sua particularidade exigiu a especificação da sua ‘diferença intrínseca’” (DA SILVA, 2022, p. 402). A miscigenação seria justamente nosso jeitinho, nosso bronzamento, nossa “diferença intrínseca”. Reconfiguraram a fatalidade imposta pela colonização (um país com uma quantidade exagerada de pessoas não europeias despejadas por este território) enquanto uma possibilidade de afirmar a especificidade que garantiria a construção de um sujeito moderno tropical, que incluía em seu seio a ameaça desses povos incapazes de significar conforme os ditames da transparência “... a miscigenação (...) produziu um sujeito moderno que incorporava a perigosa encruzilhada onde as estratégias coloniais de poder/desejo, cuja mobilização contribuiu para o “progresso” europeu, ameaçavam a transparência do ser essencialmente autodeterminado, como os filósofos europeus haviam-no escrito” (DA SILVA, 2022, p. 396). É dessa noção que surgem, por exemplo, as teses de que a miscigenação garantiria o branqueamento futuro da nação brasileira, intensificada através da imigração de europeus enquanto estratégia de estado.

No texto de Freyre temos uma narrativa sobre como esse sujeito se constitui. Para esse autor, havia uma aptidão natural dos portugueses à miscigenação “Tal aptidão existia porque o português, graças ao seu ‘passado étnico, ou melhor, cultural’ é um ‘povo indeterminado’ entre Europa e a África, responsável por ter produzido a civilização tropical.” (DA SILVA, 2022, p. 423). O homem português possuiria uma especial inclinação à intimidade sexual com as negras, as quais seriam importantes para primeiras experiências

sexuais, por exemplo, mas são comparadas a bananeiras, as melancias, em termos de influência dentro da teleologia de construção do sujeito nacional:

Para Freyre, somente o corpo da escravizada podia ser considerado uma contribuição relevante. No enunciado que escreve a miscigenação como significante teleológico, o poder produtivo, a “força interior”, pertence ao sujeito português, pois sua “inclinação” à intimidade sexual produz o sujeito brasileiro ligeiramente bronzeado. (DA SILVA, 2022, p. 426).

A mulher negra, nesse sentido, resta exposta a uma cena de dupla afetabilidade, na qual, além do engolfamento imposto aos negros racializados pela escravidão/colonização, é destituída de significantes que lhe ofereceriam a mínima racionalidade, como o amor, a paixão e o consentimento, “... é comparada a uma bananeira, um objeto a ser engolfado, uma coisa exterior cuja apropriação era necessária para a atualização do desejo de um homem, exatamente o que o português precisava para libertar o desejo incontrolado que marcava seu poder produtivo singular” (DA SILVA, 2022, p. 428). É dentro dupla afetabilidade, diante do sujeito patriarcal, que surge o sujeito subalterno racial/genderizado brasileiro. Ferreira da Silva identifica, portanto, diante do texto de Freyre essas duas faces da sujeição dentro texto nacional: o sujeito patriarcal, homem, histórico e português, de uma sexualidade luxuriosa; e o sujeito subalterno racial/genderizado que aponta para afetabilidade da condição racial associada à de gênero²³. Vejamos, enfim, como essa dupla articulação da construção do sujeito dentro do texto nacional pode ser identificada e refletida a partir da sociedade apresentada por Lima Barreto.

Em o “Triste Fim de Policarpo Quaresma” alguns dos pressupostos herderianos são colocados em jogo, as pretensões de irrupção de um sentimento interior nacional, nessa história, são arrebatados em seu ímpeto pelas perversas instituições políticas brasileiras²⁴,

²³Para uma abordagem mais detida sobre o tema do desejo na construção do sujeito patriarcal brasileiro, lido por Ferreira da Silva entre a abordagem de Freyre e as noções de Georges Bataille e Sigmund Freud, ver “À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo.” (DA SILVA, 2006)

²⁴Ferreira da Silva indica como a concepção herderiana influencia na construção da particularidade histórica brasileira que buscava-se consumir com a República: “Em primeiro lugar, o relato de Herder sobre a poesis interiorizada, em que a tradição rege o histórico, tenta proteger a interioridade do nomos universal e apresenta o conceito da universalidade da diferenciação” Homo Modernus, p. 420. Em contexto brasileiro, observamos como a nacionalidade forjada em território brasileiro constrói-se a partir de pressupostos científicos (antropologia, sociologia e criminologia) reelabora a tradição brasileira em prol do afinamento de uma subjetividade nacional ao nomos universal, de modo que inclui os “outros” desse projeto (os não portugueses,

que na República não parecem muito distintas de outros tempos. A leitura de Lima sobre o nacionalismo do início da República indica um projeto falido, condenado à frustração – a nação²⁵. O livro desenvolve-se em três atos de uma tragédia: no primeiro, Policarpo quer levar adiante seu projeto nacional a partir da língua e da canção popular; frustrada a primeira empreitada, volta-se ao desenvolvimento do Brasil a partir do cultivo da terra; também frustrado, busca junto às instituições políticas, especialmente em diligência com o presidente Floriano Peixoto, corrigir o Estado em favor do melhor para a nação e, então, mais frustração.

Sobre Policarpo, “Quaresma era um homem pequeno, magro, que usava *pince-nez*, olhava sempre pra baixo, mas, quando fixava em alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, era como se ele quisesse ir à alma da pessoa ou da coisa que fixava.” (BARRETO, 2009, p. 10-11). Sob esse ânimo investigativo, que busca fixar, separar, determinar, seu objeto, Quaresma procura implementar um projeto nacional brasileiro. Não faz sentido para ele que uma pátria tão rica em recursos, com uma natureza especialmente rica, não se desenvolva tal qual o tamanho de sua potência. Seu projeto de nação, portanto, incorpora o conhecimento prévio da substância deste país:

Para bem compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o major, depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período da frutificação. A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à pátria eram agora ativos e impeliaram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir, de obrar e de concretizar suas ideias. Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesma (era a sua opinião), a grande pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra. (BARRETO, 2009, p. 23)

Tratava-se apenas de uma questão de tempo para que a tradição, a história gloriosa do Brasil, atualize seu verdadeiro potencial como tão grande a ponto de estar em

italianos, ucranianos... os não brancos) na exterioridade, na afetabilidade, de modo a continuar, portanto, com as estruturas de dominação persistentes desde o início da colonização.

25Arreaza (2014) nos mostra continuidades entre as críticas à retórica de fundação nacional das Repúblicas de Brasil e Venezuela a partir da comparação de “Triste fim de Policarpo Quaresma” e “*En este país...!*”, de Urbaneja Achelpohl.

uma posição superior à inglesa (posição que só faz sentido em uma perspectiva de história global). Nosso herói almeja ser um instrumento dessa fatalidade histórica inerente ao nosso impulso histórico “Há no nosso povo muita intenção, muita criação, verdadeiro material para *fabliaux* interessantes... No dia em que aparecer um literato de gênio que o fixe numa forma imortal! ... Ah! Então!” (BARRETO, 2009, p. 30). Percebe que para que haja algum avanço nesse sentido, deveria recorrer a uma reforma estética, mais precisamente na utilização de uma língua mais apropriada a esse território, tal como o desenvolvimento de uma musicalidade que nos realinhe a nossa tradição, na qual a “modinha” acompanhada pelo violão era um exemplo de expressão genuína²⁶. Passa a ter aulas e desenvolve grande amizade com o violeiro cantor de modinhas Ricardo Coração dos Outros e chega a tentar elaborar festividades tradicionais, como veremos. “De acordo com a sua paixão dominante, Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poética-musical característica da alma nacional. Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu a certeza que era a modinha acompanhada pelo violão.” (BARRETO, 2009, p. 17). Se por um lado, portanto, devemos valorizar nossa canção e tradição nacional, nosso idioma deve ser o dos originários. Não o idioma de todos os incontáveis povos que habitam diacronicamente esse território, mas especificamente o estudado por Policarpo: o tupi-guarani.

Pensemos esse projeto linguístico a partir do que Pascale Casanova, em “A República Mundial das Letras”, chama de “Efeito Herder”. Para a autora, ao final do século XIX diversas nações europeias buscaram garantir sua autonomia a partir da implementação de línguas nacionais “O sistema de pensamento desenvolvido por Herder elaborava uma equivalência entre língua e nação. Por isso, as reivindicações nacionais que aparecem no decorrer do século XIX em toda a Europa eram inseparáveis das reivindicações linguísticas.” (CASANOVA, 2002, p. 104). É justamente esse o sentimento de Quaresma que, junto a uma noção de povo que, também com semelhanças quanto a posição de Herder, inclui a determinação geográfica como parte importante da sintonia entre povo, história e língua. O cume da frustração de Policarpo na primeira parte reflete justamente o modo como seu pleito por um idioma nacional foi recebido. Ao redigir, por distração, um ofício na língua tupi-

²⁶Marcos Queiroz (2021), no texto “Pobre moreno, que era grande, hoje é pequeno”, faz uma importante análise sobre como a construção da música sertaneja enquanto música nacional impôs-se ao mesmo passo que embranqueceu seus protagonistas a partir de um projeto do capital agrário.

guarani, solicitando-a enquanto língua nacional, foi aposentado e considerado louco. Vejamos um trecho do requerimento:

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura científica e filosófica. (BARRETO, 2009, p. 50-51).

A ideia de uma língua nacional, tradicional, enfim, brasileira, é considerada esdruxula e Policarpo cai na poca do povo como louco, situação que o faz buscar refúgio no sítio do “Sossego”, palco do segundo ato da tragédia. Antes, entretanto, vejamos como a tentativa de recuperar a canção nacional²⁷ também é apresentada como inviável. A irmão de Quaresma nunca foi muito a favor do irmão meter-se com essas modinhas, pois “... não tinha grande interesse pelo violão. A sua educação que se fizera, vendo semelhante instrumento entregue a escravos ou gente parecida, não podia admitir que ele preocupasse a atenção de pessoas de certa ordem” (BARRETO, 2009, p. 69). Quaresma queria provar que o vilão podia ser sim o instrumento da canção nacional, só não precisava necessariamente dos negros para isso. Após decidir que a modinha e o violão eram as expressões máximas da tradição brasileira, Policarpo encontra um professor: Ricardo Coração dos Outros. Em dado momento, entusiasmado com a possibilidade de realizar uma festa conforme os ritos típicos da canção popular brasileira, foi em busca de alguém que as pudesse compôr, não tal como

²⁷Nota-se que esse movimento também é comparável ao “Efeito Herder”: “As coletâneas de poesias e de tradições populares do próprio Herder, publicadas antes dos famosos contos dos irmãos Grimm, vão servir de modelo às coletâneas de contos e lendas populares que serão publicadas em toda a Europa.” (CASANOVA, 2002, p. 105).

Ricardo, que tinha as próprias composições, mas alguém de fato conectado as raízes culturais do Brasil:

O major pensara até ali pouco nessas coisas de festas e danças tradicionais, entretanto viu logo a significação altamente patriótica do intento. Aprovou e animou o vizinho. Mas quem havia de ensaiar, de dar os versos e a música? Alguém lembrou a tia Maria Rita, uma preta velha, que morava em Benfica... (BARRETO, 2009, p. 24).

Atravessaram a cidade em busca de Maria Rita. Enquanto moviam-se, reparavam: “Entre nós tudo é inconsciente, provisório, não dura. Não havia ali nada que lembrasse esse passado. As casas velhas, com grandes janelas, quase quadradas, e vidraças de pequenos vidros eram de há bem poucos anos, menos de cinquenta.” (BARRETO, 2009, p. 25). Imaginavam que para ela seria simples lhes oferecer as cantigas, ora, basta lembrar as canções de seu povo. A expectativa dos amigos é quebrada ao perceberem que nenhuma canção típica pode ser revelada por Maria, talvez por não lembrar, ou algum motivo íntimo que a desmotivava. O fato é que dizia apenas lembrar vagamente uma canção de ninar, cantada para os filhos dos senhores...:

–... *Minha velha, nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas.*

– *Quem sou eu, ioiô!*

– *Ora! Vamos, tia Maria Rita... você não perde nada, você não sabe o “Bumba-meu-boi”?*

– *Quá, ioiô, já mi esqueceu.*

– *E o “Boi-espácio”?*

– *Coisa véia, do tempo do cativoiro – para que sô coroné qué sabê disso?*

Ela falava arrastando as sílabas, com um doce sorriso e um olhar vago.

– *É para uma festa... Qual é a que você sabe? (...)*

– *Só sei o “Bicho tutu” – disse a velha. (...)*

Quaresma fez com a cabeça sinal afirmativo e a preta velha, talvez com grandes saudades do tempo em que era escrava e ama de alguma grande casa, farta e rica, ergueu a cabeça, como para melhor recordar-se, e entoou:

É vem tutu

Por detrás do murundu

Pra cumê sinhozinho

Cum bucado de angu.

– Ora! - fez o general com enfado. - Isso é coisa antiga de embalar crianças.
Você não sabe outra?

– Não, sinhô. Já mi esqueceu.

Os dois saíram tristes. Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardam durante séculos! (BARRETO, 2009, p. 27).

A tristeza de ambos, entretanto, durou pouco. Encontraram rapidamente um salvador: “Era um velho poeta que teve sua fama aí pelos setenta e tantos, homem doce e ingênuo que se deixara esquecer em vida, como poeta, e agora se entretinha em publicar coleções, que ninguém lia, de contos, canções, adágios e ditadores populares.” (BARRETO, 2009, p. 28). A alegria foi grande e a festa um sucesso, a despeito de Quaresma ter desmaiado ao executar a quinta estrofe de “Tangolomango”. Algumas semanas de estudo posterior, entretanto, fizeram Policarpo descobrir que “Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras” (BARRETO, 2009, p. 31).²⁸

O projeto, dessa forma, também não avançou. Os negros que, dentre seus mais velhos, eram incapazes de oferecer sua contribuição para a formação cultural da nação, a partir da figura de Maria Rita, passaram a oferecer, agora, uma tribulação, especialmente para Ricardo “É que aparecera um crioulo a cantar modinhas e cujo nome começava a tomar força e já era citado ao lado do seu.” (BARRETO, 2009, p. 70). Ricardo afirma que não era exatamente o caso de que possuía qualquer problema especialmente com os negros, mas via especialmente dois problemas em um deles tocando violão “Não é que ele tivesse ojeriza particular aos pretos. O que ele via no fato de haver um preto famosos tocar violão, era que tal coisa ia diminuir ainda mais o prestígio do instrumento. (...) E além disso com aquelas teorias! Ora! Quer que a modinha diga alguma coisa e tenha versos certos! Que tolice!” (BARRETO, 2009, p. 70-71).

²⁸Herder engajou-se com os contos de Ossian, do poeta escocês James Macpherson. Este, junto a Homero, representavam o nacionalismo bárdico da época. Embora Herder tenha os considerado enquanto autênticos cantos épicos do passado escocês, posteriormente foi descoberto que sua ancestralidade era forjada. Para Herder, entretanto, mais valia a força de um povo interiorizado na obra que seu próprio autor (BOHLMAN, 2017).

Essa situação mostra como opera o engolfamento dos negros dentro do nacionalismo por ele proposto, devem ser afastados, pois geram desprestígio, assim como possuem concepções artísticas alheias a arte verdadeira. Dizer alguma coisa e ter versos certos em contraponto com uma arte artificial e de simbologia vazia também foi uma questão para o próprio Lima Barreto. Recordemos brevemente que sua obra de estreia “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” foi recebida com quase absoluta indiferença, dada a condição racializada do autor e as duras críticas a personagens importantes de sua época, ficcionalizados em personagens²⁹. Para além dessa indiferença, os que se propunham ser simpáticos, diziam que suas obras eram muito pessoais e diretas, faltando realizar a “síntese” artística.³⁰

No fim desta primeira tentativa, Quaresma encontrava-se em desprestígio generalizado, considerado louco. Vai então morar em um local afastado, no sítio do “Sossego”, na qual possui a grande ideia que lhe move na segunda parte do livro – empreender sua concepção nacionalista através do cultivo da terra. Se a administração pública não a escutava em suas súplicas nacionalistas por meio da estética, tentaria cultivar o solo nacional “Então pensou que foram vão aqueles seus desejos de reformas capitais nas instituições e costumes: o que era principal à grandeza da pátria estremecida, era uma forte

29Esse substrato social, utilizado por Lima em suas obras para ficcionalizar seus personagens, está presente no próprio Ricardo Coração dos Outros. Este remete, em uma sátira escrita em 1920 sob o pseudônimo de Jonathan (“Opinião sobre Catulo”, BARRETO, 2016), na revista Careta, ao poeta Catulo da Paixão Cearense, o qual é ironizado como alguém que, como Wagner, “além de músico é poeta”. Teria composto um hino nacional, mas considerou os jovens inaptos para cantá-los no carnaval, que, embora fosse a ocasião perfeita “- Cantam agora coisas que têm significação, que têm sentido. Vi logo pelos ensaios; aborreci-me e proibi aos rapazes que profanassem o meu hino”. (BARRETO, 2016. p. 197). Na nota 4 do mesmo texto, o editor nos elucida mais sobre Catulo “Catulo da Paixão Cearense (1863-1946) foi um poeta, músico e compositor brasileiro. Integrado nos meios boêmios da cidade, associou-se ao livreiro Pedro da Silva Quaresma, proprietário da Livraria do Povo, que passou a editar em folhetos de cordel o repertório de modismos da época. Catulo organizou coletâneas, entre elas *O cantor fluminense* e *O cancionista popular*. Escreveu também vários títulos para as ‘Edições Quaresma’, de modinhas e canções que formavam uma coleção chamada Biblioteca dos Trovadores. Catulo inspirou Lima Barreto a criar o personagem Ricardo Coração dos Outros de *Triste fim de Policarpo Quaresma*”.

30Podemos ver, por exemplo, na biografia de Lima Barreto redigida por Francisco de Assis Barbosa, comentário, que não foi único, de José Veríssimo sobre a obra de estreia de Lima “Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o menos, e para o qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalismo. (...) A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d’alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras.” (BARBOSA, 2017, p. 183-184).

base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher.” (BARRETO, 2009, p. 80).

Como já sabemos, também não encontra aqui a consumação de suas expectativas. Existem problemas na capacidade mesma de cultivo, tal como na capacidade dos trabalhadores. O próprio Policarpo não se dava bem com o trabalho, o que era esperado, mas os empregados também não se mostravam muito prestativos, “Eram agora dois, pois, além do Anastácio, que não era bem um empregado, mas agregado, admitira o Felizardo.”(BARRETO, 2009, p. 106). Mais uma vez, o negro é incapaz de dar efetividade ao projeto nacionalista de Quaresma. Anastácio “sempre vigoroso e trabalhador na sua forte velhice africana, mas baldo de iniciativa, de método, de continuidade no esforço” (BARRETO, 2009, p. 193), possui algo de intrínseco que o impede de realizar uma inteligência plena para o trabalho “... em tudo que ele punha esse jeito de sua psique, tanto no falar, com grandes rodeios, como nos canteiros que traçava, irregulares, maiores aqui, menores ali, fugindo à regularidade, ao paralelismo, à simetria, com um horror artístico.” (BARRETO, 2009, p. 193-194)³¹. Até aqui os personagens negros foram incapazes de fornecer o substrato para as modinhas que Policarpo queria, trouxeram preconceito ao violão, assim como tiveram teorias estéticas absurdas. Na figura de Anastácio são também inaptos ao trabalho, tanto em nível empírico quanto em nível jurídico (agregado). Dada a essa dificuldade no trabalho da terra, alertada por um visitante vizinho, Quaresma retruca:

– *Qual cansadas, seu Antonino! Não há terras cansadas... A Europa é cultivada há milhares de anos, entretanto...*

– *Mas lá se trabalha.*

– *Por que não se há de trabalhar aqui também?*

– *Lá isso é verdade; mas há tantas contrariedades na nossa terra que...*
(BARRETO, 2009, p. 86).

Agrega-se a essa dificuldade com o trabalho um grande ataque de formigas. Policarpo chega até a convencer-se que de que precisaria utilizar maquinário estrangeiro,

³¹Lembremos que o major Policarpo Quaresma possui uma atitude oposta, seu olhar fixa e vai afundo.

para adequar-se aos modelos de produção contemporâneos³², apenas enquanto experiência inicialmente. Mais adiante identifica o problema que irá conduzi-lo ao último estágio de sua empreitada nacionalista – a política. Sempre mostrou-se avesso a ela, considerando, como Herder, que o desenvolvimento pleno de um povo passa ao largo do território político, sendo este mediado por interesses mesquinhos e menores. Mas o que seu projeto de cultivar a terra nacional em seu sítio do “Sossego” o mostrou foi que o Estado, ao manter-se como cerne de mesquinaria, não exatamente passa ao largo, mas atrapalha o desenvolvimento nacional:

Em virtude das posturas e leis municipais, rezava o papel, o senhor Policarpo Quaresma, proprietário do sítio “Sossego”, era intimado, sob as penas das mesmas posturas e leis, a roçar e capinar as testadas do referido sítio que confrontavam com as vias públicas. (...)

A luz se lhe fez no pensamento... Aquela rede de leis, de posturas, de códigos e de preceitos, nas mãos desses regulotes, de tais caciques, se transformavam em potro, em polé, em instrumento de suplícios para torturar os inimigos, oprimir as populações, crestar-lhes a iniciativa e a independência, abatendo-as e desmoralizando-as. (BARRETO, 2009, p. 128)

Essa situação o conduz para a sua última tentativa, a que o levaria ao triste fim. Se o que lhe frustrou em seu projeto agrícola foi os desmandes das leis e da estrutura administrativa do Estado, controlado por “regulotes”, usado como “instrumento de suplícios para torturar os inimigos, oprimir as populações”, seria justamente esse o alvo de sua próxima proposta reformista:

Aproveitara os dias até para redigir um memorial que ia entregar a Floriano. Nele expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, das carestias de fretes, da estreiteza dos mercados e da violência política. (BARRETO, 2009, p. 149).

32“Tinha em mente uma charrua dupla, um capinador mecânico, um semeador, um destocador, grades, tudo americano, de aço, dando rendimento efetivo de vinte homens. Até então, não quisera essas invenções; as terras mais ricas do mundo não precisavam desses processos, que lhe pareciam artificiais, para produzir; estava, porém, agora disposto a empregá-los como experiência.” (BARRETO, 2009, p. 126).

A aposta de Policarpo, e essa o distancia de Herder³³, é a invocação de um grande líder para a República, o qual já tinha nome e sobrenome – Floriano Peixoto. O então presidente da República deveria ser para o Brasil tal como os líderes da antiguidade foram para seus povos “Pensava na grande obra que o Destino reservava àquela figura plácida e triste” (BARRETO, 2009, p. 154). Curiosa era, entretanto, a construção desse mito. Havia fatos para os quais Policarpo não se atentava “Com uma ausência total de qualidades intelectuais, havia no caráter do marechal Floriano uma qualidade predominantemente: tibieza de ânimo; e no seu temperamento, muita preguiça. (...) Pelos lugares que passou, tornou-se notável pela indolência e desamor às obrigações dos seus cargos.” (BARRETO, 2009, p. 152). Muito embora essa fosse a realidade:

Esse entusiasmo e esse fanatismo, que o apararam, que o animaram, que o sustentaram, só teriam sido possíveis, depois de ter ele sido ajudante general do Império, senador, ministro, isto é, após se ter “fabricado” às vistas de todos e cristalizado a lenda na mente de todos (...) Quaresma, estava longe de pensar nisso tudo; ele, com muitos homens honestos e sinceros do tempo foram tomados pelo entusiasmo contagioso que Floriano conseguira despertar. (BARRETO, 2009, p. 154).

Quaresma consegue encontrar-se com Peixoto presencialmente, em virtude de antigos contatos. A conversa foi aborrecedora aos dois, tendo em vista que “Floriano já ouvia Quaresma muito aborrecido. O bonde chegou; ele se despediu do major, dizendo com aquela sua placidez de voz: - Você, Quaresma, é um visionário...” (BARRETO, 2009, p. 177). Ou seja, muito embora houvesse um ímpeto nacionalista, que despertava o entusiasmo de homens honestos e sinceros, o qual sustentava o prestígio do governo, as ideias de Policarpo para que essa estrutura administrativa favorecessem o povo local diluía-se em meros interesses dos governantes “A sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se...” (BARRETO, 2009, p. 154).

³³Lembrar que Herder, na segunda disposição da carta 118, das “Cartas para o avanço da humanidade”: “Deve-se espalhar cada vez mais a ideia de que o espírito heroico conquistador de terras não merece nem remotamente o respeito e a glória que lhe são atribuídos pela tradição, desde os gregos, romanos e bárbaros em diante.” (HERDER, 2002, p. 405).

Esta é a última, pois o governo, principalmente após sua vitória na Revolta da Armada e a consolidação da República contra os monarquistas, passou a empregar a violência absoluta contra os que lhe eram contrário. Policarpo participou do combate à Revolta, chegou até a matar, e dessa forma cobriu-se de ressentimento. Suas propostas não haviam sendo ouvidas, “Saíra ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um presidente que o chamava de visionário, que não aliava o alcance dos seus projetos (...)” Era pois por esse homem que tanta gente morria?” (BARRETO, 2009, p. 184), Quaresma descobre que um líder, de fato, não poderia guiar uma nação. Viu-se preso e condenado à morte por criticar o regime que outrora defendia. Para além da insuficiência do líder Floriano, percebeu que o próprio conceito de nação que endossava talvez não existisse de fato em sua pureza:

E bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma ideia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma deusa cujo império se esvaía? Não sabia que essa ideia nascera da amplificação da credence dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes? (BARRETO, 2009, p. 210).

Enquanto Herder considerava que para a formação de uma nação heróis eram em algum sentido nocivos, Quaresma descobre algo ainda anterior. A própria noção de nação talvez não existisse em sua pureza, sendo a insuficiência dos líderes um grande sintoma. Toda a trajetória de Policarpo Quaresma nos mostra que o projeto da nação, para além dos interesses políticos e do capital, não pode ser implementado, nem em seu aspecto estético/linguístico, nem em seu intento agrário e a derrocada final se dá justamente no envolvimento com a política. Em outros textos, Lima Barreto refletiu sobre essa questão da pureza da nação, sempre demonstrando grande pessimismo sobre a própria elaboração dessa ideia “Não tenho tempo para fornecer exemplos de que todos nós, nessa história de linguagem, somos tão nacionalistas como o comerciante que põe, na fachada de suas casas de negócios, este título que nada diz com o fito de suas mercadorias: *À la Ville de Brest*” (BARRETO, 2016, p. 212).

Essa análise mostra, por meio do enredo do triste fim de Policarpo, como o texto moderno, em especial em seu aspecto herderiano, legitima a construção de um texto

nacional, para nós de fora da Europa, enquanto uma interioridade impossibilidade de formar-se, apropriada em discurso por um governo que privilegia apenas os próprios interesses. Herder faria a mesma crítica aos Estado-nação modernos, pois formação nacional, para o autor, não se consumava em um estado único, muito pelo contrário, a centralização administrativa tendia a tolher as culturas próprias. O que fica evidente nas reflexões de Lima, entretanto, é a impossibilidade mesma dessa recursividade histórica na construção da particularidade nacional.

Recordando a dupla articulação da construção do sujeito dentro do texto nacional, a reflexão conduzida até aqui restringe-se ao sujeito patriarcal. Vejamos a partir de agora como as mulheres aparecem dentro do “Triste Fim”, mas aqui contarei com a incursão por outros textos de Lima para enfatizar a cena social da mulher negra, para que o sujeito racial/genderizado. Façamos ates, entretanto, um breve recuo que nos reconduzirá ao cerne da discussão.

Na sátira “Origem do nacionalismo”, publicada com assinatura do próprio Lima na revista *Careta*, em 1920, o enredo segue um caminho curioso. O intuito inicial é fazer uma exposição sobre a origem do nacionalismo que observa em sua época, “A fim de poupar ao historiador futuro de procurar a origem do atual nacionalismo...” (BARRETO, 2016, p. 202). Inicia então um relato. Três jovens de pulseirinha e paletó tentavam conversar, embora fossem de “parca atividade... verbal”. Passa uma garota e logo se assanham “- Quem é esta ‘pequena’?”. Surgem daí perguntas naturais como se ela possui muito dinheiro etc. Dada a dificuldade de conquistá-la, por tratar-se da filha de um homem influente, lhes surge uma grande ideia: fundar o “Centro Nacionalista”. Improvisariam todas as conveniências para fazer uma festa de inauguração para o “Centro”, de modo que conseguiriam aproximar-se da “pequena”. Enquanto esse tráfego social beneficiaria um deles com um bom casamento, um dos outros comemora, pois “Meto medo ao alfaiate a quem estou devendo um terno” (BARRETO, 2016, p. 204).

A partir da interpretação de Ferreira da Silva sobre “Casa Grande e Senzala” vimos como a figura do português, delineado na forma de expressão de seu desejo, constitui a possibilidade da escritura do sujeito patriarcal brasileiro. Nessa cena apresentada por Barreto, vemos um indício da consideração social sobre o desejo luxurioso do sujeito patriarcal, mas aqui em contexto urbano. Lima observava como a sociedade carioca pautava cargos e influências a partir de relações de casamento, o qual era bastante problematizado

por Lima³⁴. No “Triste Fim”, quase sempre que há ênfase em uma personagem feminina ela manifesta-se como um sujeito social que possui no casamento sua aspiração básica de vida, tornando-as vazias de outras pretensões. A personagem Ismênia é central para observar isso:

A vida, o mundo, a variedade intensa dos sentimentos, das ideias, o nosso próprio direito à felicidade, foram parecendo ninharias para aquele cerebrozinho; e, de tal forma casar-se se lhe representou coisa importante, uma espécie de dever, que não se casar, ficar solteira, “tia”, parecia-lhe um crime, uma vergonha. (BARRETO, 2009, p. 37).

Ismênia tocava a vida indiferente a praticamente tudo, pois, já estando compromissada, mas ainda não casada, não tinha funções sociais relevantes. O mero compromisso firmado, mesmo sem a efetivação do casamento, já a consolava, tocando a vida sem grandes emoções. A progressão do enredo ao redor dessa personagem acompanha a história em grande parte dos seus momentos decisivos, embora seja apresentada como algo quase paralelo. Enquanto Quaresma se frustrava com seu projeto linguístico e agrário, Olga percebe que seu pretendente fugiu para o interior e jamais voltará para casar-se. Mesmo assim Ismênia mantém-se esperançosa na volta do pretendente, situação que a levou a loucura, a qual seu pai tentou curar com médiuns, benzedeiros e médicos. A doença da personagem persiste até sua morte que ocorre de maneira simultânea à vitória da República na Revolta da Armada.

Uma outra personagem, entretanto, aparentemente corre na contramão dessa tendência. Olga, descendente de italiano, é capaz de maior senso crítico e articulação de sentimentos, parecendo alheia as obrigações das mulheres daquela sociedade, muito embora também venha a se casar. Olga é afilhada do major Policarpo e também possui um papel central na trama do “Triste Fim”. Ela parece ser aquela que, junto a Ricardo Coração dos Outros, consegue compreender os intuitos de Quaresma. Quando o major foi ridicularizado pela sociedade em virtude de seu ofício em língua tupi-guarani, Olga posicionou-se frente a

³⁴Tais posições ficam explícitas no capítulo “Brazundangas”, da biografia de Lima Barreto escrita Francisco de Assis Barbosa. Sobre a questão do casamento: “Partindo do pressuposto de que o casamento significava, quase sempre, um equívoco, para a mulher, dadas as condições de inferioridade em que vivia na sociedade, o romancista publicou uma série de artigos sobre uxoricídios, mostrando que não havia como justificá-los nos casos de adultério. Só mesmo a situação de semiescrava poderia estabelecer como norma o dever de o marido matar a esposa infiel” (BARBOSA, 2017. p. 269).

seu pai “Pode ser. Os tchecos têm uma língua própria, e foram obrigados a falar alemão, depois de conquistados pelos austríacos; os lorenos, franceses...” (BARRETO, 2009, p. 57). O último capítulo do livro, inclusive, chama-se “A Afilhada” e mostra a saga feita pela personagem que, convocada por Ricardo Coração dos Outros, tenta salvar Policarpo da pena de morte. Devido a profunda afinidade que a afilhada Olga possuía com Quaresma, embora essa proximidade não se reproduzisse com relação a substância das ideias do major, mas com sua forma de pensar, desesperou-se em tentar salvá-lo. A tentativa frustrada de fazer qualquer coisa a respeito a fez refletir sobre a grande incapacidade social que lhe recaía em virtude da construção de seu gênero. Discute com seu marido, que se recusa em ajudar Policarpo, e desabafa: “É interessante” Não sou nada, nada! Sou alguma coisa como um móvel, um adorno, não tenho relações, não tenho amizades, não tenho caráter? Ora!...”. Também interessante é a reação de seu marido frente a tal desabafo: “- Estás no teatro?”, diz ele, recebendo a contundente resposta: “Se é só no teatro que há grandes coisas, estou” (BARRETO, 2009, p. 217).

Entre a mulher brasileira, representada aqui por Ismênia, e a descendente de italianos, Olga, há, portanto, uma diferença de ânimo, mas a posição social as resume ao mesmo – nada. Já se pensarmos a posição da mulher negra na obra, elas são apenas duas: a já citada, Maria Rita, a qual procuram para recordar canções populares; e, já no penúltimo capítulo do livro surge uma outra, para consolo da irmã de Policarpo enquanto este estava preso – Sinhá Chica, uma “velha cafuza”. Essa personagem parece incompreensível perante que as instituições sócias. Ela era capaz de promover curas por meio de rezas, “Não havia quem como ela soubesse rezar dores, cortar febres, curar cobreiros e conhecesse os efeitos das ervas medicinais” (BARRETO, 2009, p. 194). Em contraposição ao capelão, ela possuía o “poder espiritual da terra” e fazia “toda a comunicação com Deus e o invisível”, enquanto o “vigário ficava relegado a um papel de funcionário, espécie de oficial de registro civil, encarregado dos batizados e casamentos” (BARRETO, 2009, p. 196).

O paralelismo entre a história de Policarpo Quaresma e a dessas personagens femininas parece coadunar ironia de seu texto “A origem do nacionalismo”, o sujeito patriarcal nacional aparece simultâneo a situação de genderização, a qual tenta destituir as mulheres de qualquer significância íntima ou social. Para encaminhar essa discussão aos seus momentos finais farei alguns apontamentos sobre duas histórias de Lima Barreto no qual a condição da mulher negra é enquadrada. Enquanto as mulheres brancas podem se

considerar “um nada”, tal como alega Olga no “Triste Fim”, percebemos nos contos “Um Especialista” e em “Clara dos Anjos”³⁵ uma distinção significativa na forma da subjugação da mulher negra, a semelhança do que promove Ferreira da Silva sobre a afetabilidade dupla do sujeito racial/genderizado, são “um nada” do qual é negado inclusive a afetividade indicada pelo matrimônio, mas mantendo-as na função produtiva de objeto de desejo.

No contexto da obra de Lima Barreto, elas são personagens, de modo que podem confrontar os protagonistas da trama, ou até elas mesmas serem as protagonistas. Barreto as elabora, nos dois contos que analisaremos, de modo que fica evidente o tipo de subjugação sofrida pela mulher negra naquele período, há, entretanto, nas personagens uma variação com relação a consciência que elas têm disso. Em “Um Especialista”, temos uma “mulata”, Alice, que possui consciência sobre a forma como os homens brancos a enxergam, enquanto Clara dos Anjos, em virtude da educação protecionista e alienada proporcionada pelos pais, tende até o final em ser ingênua no contato afetivo com um homem branco, sendo tomada por grandes emoções que a levam ao engano. O que não varia entre as histórias, entretanto, é que essa consciência não é capaz de promover uma emancipação em nível social, de modo que a subjugação permanece aparentemente implacável.

Em “Clara dos Anjos” vemos uma jovem que cresceu sendo educada por seu pai, Joaquim dos Anjos, carteiro, funcionário público, “pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz” e sua mãe que “apesar de mais escura, tinha o cabelo liso”. Clara, por sua vez, “Na tez, a filha puxava o pai; e no cabelo, à mãe”. Cresceu habituada a festas com muita modinha, tendo em vista a admiração que seu pai tinha por esse tipo de música. Com 17 anos, “tanto o pai como a mãe tinham por ela grandes desvelos e cuidados” (BARRETO, 2010, p. 248), não a deixando sair sozinha, pedindo para conhecidos ajudarem a observá-la. Todo esse esmero, entretanto, não impediu que, por meio das festas realizadas pelo pai, pudesse conhecer Júlio Costa, sobre o qual corriam histórias escabrosas sobre a vida galante.

35Clara dos Anjos foi um projeto elaborado em etapas na vida de Lima Barreto. Aqui lidarei com o conto “Clara dos Anjos”. Lima também escreveu um romance com o mesmo título e enredo semelhante, porém acrescido de mais anos dentro da vida de Clara. Foi a última perseguição literária de Lima, que morreu pouco tempo após escrevê-lo. Em manuscrito pessoal de Barreto podemos identificar como ele demonstrava, dentro da estrutura narrativa de Clara dos Anjos, a intenção de associar a idade de Clara com a idade da República, disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428167/mss1428167.pdf

Júlio, por meio de cartas e pequenas demonstrações de afeto, conquistou Clara. Por certo o pensamento, ou melhor “Uma dúvida lhe veio: ele era branco; ela mulata... Mas que tinha isso? Tinham-se visto tantos casos... Lembrou-se de alguns... Por que não havia de ser?” (BARRETO, 2010, p. 251). Fica nítido nesta passagem que Clara acreditava que as molduras sociais não seriam fortes o suficiente para impedir seu romance, afinal, até exceções haviam... A protagonista acaba por engravidar, enquanto Júlio ia se afastando, mesmo sem saber da gravidez. Decide, portanto, conversar com a mãe do galanteador, para conferir as possibilidades de uma intervenção para que ficassem juntos, ouve então as duras palavras que a proteção de sua família a ocultavam: “Ora, esta! Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, rapariga!” (BARRETO, 2010, p. 254). Na volta pra casa, encontra a mãe e chega a triste conclusão “- Mamãe, eu não sou nada nesta vida”.(BARRETO, 2010, p. 255).

“Um especialista”, por sua vez, inicia com uma conversa entre dois portugueses, dois “conquistadores” – “Em geral, eram as conquistas amorosas o tema da palestra; mas, às vezes, incidentalmente, travam dos negócios (...) Amor e dinheiro, eles juntavam bem e sabiamente” (BARRETO, 2010, p. 89). Um deles, o comendador, era casado, deixando sua mulher só em seu vasto casarão do Engenho Velho para cultivar seu peculiar interesse por “mulatas”, “- A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, procurar.”. Já seu amigo, o coronel Carvalho, era viúvo e “... era justamente o contrário: só queria às estrangeiras; as francesas e italianas...”(BARRETO, 2010, p. 90).

Um belo dia o comendador encontra uma “mulata” que o entretém em especial, um “achado”, chamava-se Alice. Já ao final da história, que passa pela preocupação do coronel Carvalho com o sumiço do comendador após conhecer Alice, ficam esses três personagens a conversar. A moça começa a falar sobre seu passado, lembrando que viera de Recife, terra que o comendador também havia morado. Fala sobre a morte de sua mãe, roubada e abandonada pelo pai de Alice, e como foi sua vida desde então, relatando seus tormentos:

Até hoje só tenho conhecido três homens que me dessem alguma coisa; os outros Deus me livre deles! - só querem meu corpo e meu trabalho. Nada me davam, espancavam-me, maltratavam-me. Uma vez, quando vivia com um sargento do

Regimento de Polícia, ele chegou em casa embriagado, tendo jogado e perdido tudo, queria obrigar-me a lhe dar trinta mil-réis (...) Bem me dizia minha mãe: toma cuidado, minha filha, toma cuidado. Esses homens só querem nosso corpo por segundos, depois vão-se e nos deixam um filho nos quartos, quando não nos roubam como fez teu pai comigo... (BARRETO, 2010, p. 94).

A história desenrola-se para o seu fim a partir daí, pois o avançar da conversa revela que a “mulata” era filha do comendador. O pai, que roubou sua mãe, era exatamente aquele homem, que também já havia morado em Recife. Ao ouvir as respostas que atestavam suas suspeitas, a história termina com o comendador dizendo “- Meu Deus! É minha filha!” (BARRETO, 2010, p. 97). Nesse momento, a especiação que tanto buscava não serve apenas para seu deleite, faz as reclamações e desvela a posição absurda, para o próprio português, da relação ali estabelecida, seu adultério insistente, que nulifica sua mulher como mais uma de suas posses, assim como busca agregar valor a si mesmo a partir de um critério de “conquista”, “Tal como a descoberta de Édipo, que fere irremediavelmente os próprios olhos ao descobrir seu crime, o comendador se vê diante de uma inominável violação” (CHAGAS, 2022, p. 92).

Vimos, portanto, como as preocupações de Lima Barreto com os aspectos sociais da República emergente coadunam com a leitura que Ferreira da Silva faz do texto nacional, que funciona enquanto estratégia de aplicação do texto moderno no Brasil, (passando pela questão da miscigenação) de modo a garantir os privilégios econômicos e sociais dos descendentes dos senhores de escravos. Por certo, tanto a obra de Lima Barreto quanto a de Ferreira da Silva exploram a construção da nacionalidade brasileira em nuances que não puderam ser exploradas aqui. A intenção, por fim, consiste em apresentar um quadro geral sobre essa possibilidade de aproximação.

CONCLUSÃO

Neste texto busquei traçar aproximações gerais sobre as consequências do pensamento de Denise Ferreira da Silva sobre a análise do texto nacional brasileiro em paralelo com a produção literária de Lima Barreto, tentando perceber consonâncias que buscam ser produtivas para a elaboração de nossa nacionalidade. Minha aposta é no sentido de ver como as formulações filosóficas de Ferreira da Silva e as narrativas de Lima Barreto sobre o início da República apontam para a persistência da subjugação colonial dentro da

construção de nossa autonomia nacional. Lembremos que João Baptista de Lacerda preconizou em 1911, durante o Primeiro Congresso Universal de Raças, em Londres, que em 100 anos o Brasil seria uma das “civilizações mais importantes do mundo”, já que o desejo português por mulheres negras, a falta de recursos e a imigração europeia seriam capaz de misturar a população e enfim criar o sujeito branco (DA SILVA, 2022, p. 407). Mais de 100 anos já se passaram desde então, sendo aproximadamente os mesmos 100 anos que distanciam a obra de Denise Ferreira da Silva e a de Lima Barreto. Atualmente o Brasil não é um país branco, longe de ser, mas a cena social descrita por Lima Barreto ainda parece bastante atual. Muito embora as conquistas no plano social não sejam desprezíveis, ainda parecemos inaptos a significar para além dos ditamos do texto moderno.

Passaram-se 531 anos desde a chegada de Colombo às Américas e, desde então, tanto nosso território quanto o da Europa sofreram alterações profundas. Os relatos que fizeram de nós, assim como nossa própria resistência, influenciaram os europeus a pensarem a liberdade e a igualdade em termos de violência colonial. O embricamento presente entre a modernidade, o desenvolvimento do capitalismo e a subjugação racial do negro nos incentivam a buscar nos textos filosóficos europeus como os modos como tais violências foram permitidos em nível epistêmico. Para tanto, Herder nos pareceu fundamental. Esse autor pensou a nação, assim como sua ideia de povo, pensando em resguardar grupos autônomos de desmandes epistêmicos exteriores. Esteve atento a formação das nações não europeias, como em sua leitura sobre Garcilaso de la Vega, assim como refletiu sobre a crise ética instaurada pela violência colonial. A possibilidade interior ao texto moderno de emancipação dos não europeus em Ferreira da Silva, a abertura para contarmos nossas histórias, mostra-se como o primeiro passo de nosso engolfamento, abrindo espaço para sermos estudados enquanto exterioridades afetáveis, matáveis tal como uma praga de formigas indesejada.

O espectro político do nacionalismo flutua entre tendências políticas e permanece atuante no Brasil. Ao modo de Policarpo Quaresma, uma de suas faces é pautada em uma tradição imemorial, da qual alguns, seus herdeiros, merecem a justiça, enquanto outros, seus bastardos, marcham ao extermínio. Esta, por muitas vezes, é afastada enquanto algo risível, para loucos radicais, como foi feito com Quaresma. Perpassando gerações, entretanto, o ideal nacional também é fonte de esperança na luta contra as opressões coloniais. Seguindo a abordagem elaborada pelo texto, para que possamos vislumbrar

qualquer efeito que não seja um aprofundamento da cena de subjugação redigida pelo texto nacional, deveremos, pelo menos, exorcizar o histórico do engolfamento e o científico do assassinio, repensando interioridade/ exterioridade, para além da excepcionalidade humana. São as frestas que buscamos abrir para pensar a (im)possibilidade da nação enquanto arsenal contra o colonialismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e mina.** Introdução por Afonso d' Escragolle Taunay; vocabulário por A.P. Canabrava. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580735/000921829_Cultura_opulencia_Brasil.pdf. Acesso em 30/10/2023.

ARREAZA, Dionisio David Márquez. **Idealismo e república: Personagens fracassadas como crítica ao projeto de nação em Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto e, En este país...!, de Urbaneja Achelpohl.** – Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2014.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto 1881-1922.** 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARRAZA, Adriana Rodríguez, *Identidad lingüística y nación cultural em J. G. Herder.* Editorial Biblioteca Nueva, S. L., Madrid. 2014.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** Nobel. São Paulo. 2009.

_____. **Sátiras e outras subversões: textos inéditos.** Organização, introdução, pesquisa e notas Felipe Botelho Corrêa. 1ª ed. Penguin Classics Companhia das Letras. São Paulo. 2016.

_____. **Contos Completos.** Organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. Companhia das Letras. São Paulo. 2010.

BOHLMAN, Philip V. *Songs of the Enlightenment Bard: Essay on "Homer und Ossian" (1974).* In. *Song loves the masses : Herder on music and nationalism.* Johann Gottfried Herder and Philip V. Bohlman. Description: Oakland, California : University of California Press, (2017).

- CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Trad. Marina Appenzeller. Ed. Estação Liberdade. São Paulo. 2002.
- CHAGAS, Gabriel. **A modernidade interseccional nos contos de Lima Barreto**. Interdisciplinar, São Cristóvão, UFS, v. 38, jul-dez, p. 81-94, 2022.
- DA SILVA, Denise Ferreira. **À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 61-83, jan.-abr. 2006.
- _____. **A dívida impagável**. Trad. Amilcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Forma Certa, 2019a. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf> Acesso em 30/10/2023.
- _____. **Homo modernus – para uma ideia global de raça**. Tradução Jess Oliveira, Pedro Daher. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- FORSTER, Michael N. *After Herder – Philosophy of Language in the German Tradition*. Oxford University Press Inc. New York. 2010.
- _____. *German Philosophy of Language: from Schlegel to Hegel and beyond*. Oxford University Press Inc. New York. 2011.
- GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- GRAEBER, David; WENGROW, David. **O despertar de tudo: uma nova história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022
- HARTMAN, Saidiya V. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. First published by Oxford University Press, Inc. in 1997, revised and updated paperback issued by W.W. Norton & Company, Inc. 2022.
- HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da linguagem: A respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HERDER, Johann Gottfried. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Lisboa: Antígona, 1987.

- _____. *Letters for the advancement of humanity*. In.: Johann Gottfried Herder: Philosophical Writings. Tradução de Michael N. Forster. Cambridge: Cambridge University Press, 2002a.
- _____. *Ideas para una filosofía de la historia de la humanidad*. Trad. J. Roviera Armengol. Editorial Losada S. A. Buenos Aires. 1959.
- NOYES, J. Herder: *Aesthetics against imperialism*. Toronto: University of Toronto Press, 2015.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *El florecimiento de las literaturas nacionales (1928)*. In. **BRAVO, Álvaro Fernández. La invención de la nación – lecturas de la identidad de Herder a Homi Bhabha**. Ediciones Manantial SRL, Buenos Aires. 2000.
- MONTEIRO, Marcos Antonio de Azevedo. **O avesso do progresso: as crônicas de alta tensão crítica de Lima Barreto**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras (Ciência da Literatura), 2021.
- PENTEADO, G. B. André. **Kant e Herder: duas Aufklärungen**. 2017. 118 páginas. Tese(Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, 2017.
- QUEIROZ, Marcos. **Pobre moreno, que era grande, hoje é pequeno**. 2021. Disponível em: <https://medium.com/zumbido/pobre-moreno-que-era-grande-hoje-%C3%A9-pequeno-f09d284f72ba>. Acessado: 30/10/2023.
- SIKKA, Sonia. *Herder on humanity and cultural difference – enlightened relativism*. Cambridge University Press, New York. 2011.
- SOLBRIG, Ingelborg. *Herder and the ‘Harlem Renaissance’ of Black Culture in America: The Case of the ‘Neger-Idyllen. Monatshefte*. Vol. 82, No. 1 (Spring, 1990), pp. 38-49 (12 pages). Published by: University of Wisconsin Press. 1990.
- SPENCER, Vicki A. *Herder’s political thought: a study of language, culture, and community*. University of Toronto Press. 2012.

- SPILLERS, Hortense, J. Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense. In: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z.; ARIAS, 268 André (org.). Pensamento radical negro. São Paulo: Crocodilo; N-1 Edições, 2021.
- VEGA, Garcilaso Inca de la, *Comentarios Reales de los Incas, Tomos I y II - Prologo y Cronología Aurelio Miro Quesada*. Colección Clásica n. 5, Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1976.
- ZAMMITO, John, H. *Policing Polygeneticism in Germany, 1775: (Kames,) Kant, and Blumenbach. In. The German invention of race*. Published by State University of New York Press, Albany. 2006.
- ZHANG, Chunjie. *Transculturality and German discourse in the age of european colonialism*. Northwestern University Press. 2017.